



Qualis A3 ISSN: 2178-2008

ARTIGO

Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros



Os novos filósofos da extrema direita atual: Peter Thiel e a cosmovisão tecnocrática apocalíptica da política

The New Philosophers of the Contemporary Far Right: Peter Thiel and the Apocalyptic Technocratic Worldview of Politics

Alejandro Gabriel Olivieri¹

<https://orcid.org/0000-0003-1068-8614>

<http://lattes.cnpq.br/1921746316087755>

Centro Universitário Processus, UniProcessus, DF, Brasil

E-mail: aleoli61@gmail.com

Gustavo Javier Castro²

<https://orcid.org/0000-0002-7639-0514>

<http://lattes.cnpq.br/1091127369557989>

Centro Universitário Processus, UniProcessus, DF, Brasil

E-mail: gustavo@institutoprocessus.com.br

Informações da publicação

ISSN: 2178-2008

Recebido em: 24-05-2026

Aceito em: 16-07-2026

Publicado em: 30-07-2026

Palavras-chave:

extrema direita;
Peter Thiel;
tecnocracia;
democracia liberal;
soberania;
inteligência artificial;
filosofia política.

Keywords:

far right;
Peter Thiel;
technocracy;
liberal democracy;
sovereignty;
artificial intelligence;
political philosophy.

Resumo:

O presente artigo analisa criticamente os fundamentos filosóficos e políticos da nova aliança entre a extrema direita contemporânea e as elites tecnológicas do Vale do Silício, tomando Peter Thiel como principal objeto de investigação. Partindo de uma abordagem analítico-interpretativa, fundamentada na Filosofia Política e nas Ciências Sociais, o estudo examina a cosmovisão tecnocrática desenvolvida por Thiel e sua vinculação com a denominada *Dark Enlightenment* (Ilustração Obscura), bem como suas aproximações com autores como Thomas Hobbes, Carl Schmitt e René Girard. O artigo demonstra que a proposta de Thiel ultrapassa o libertarianismo econômico tradicional ao defender uma reorganização da soberania política baseada na concentração de poder em elites tecnológicas, na centralidade da inteligência artificial e na progressiva substituição de funções estatais por grandes corporações digitais. Analisa-se ainda a atuação da empresa Palantir e a crescente integração entre tecnologia, vigilância, poder econômico e aparato estatal durante o segundo governo Donald Trump, evidenciando a emergência de uma nova forma de poder tecnocrático iliberal. Conclui-se que a ascensão dessa nova direita tecnocrática representa uma transformação significativa da concepção moderna de soberania, deslocando progressivamente o centro do poder político das instituições democráticas para infraestruturas digitais controladas por grandes empresas tecnológicas, o que coloca novos desafios para a democracia liberal representativa e para a Filosofia Política contemporânea.

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília? UnB (2009), Mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina? UFSC (1995), Bacharel em Filosofia pela Universidade de Buenos Aires? UBA (1985).

² Possui graduação em Filosofia - Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso (1987), mestrado em Ciência Política pela Pontifícia Universidad Católica de Chile (1991), mestrado em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (1993) e doutorado em Sociologia pela Universidade de Brasília (2008).

Abstract:

This article critically examines the philosophical and political foundations of the emerging alliance between the contemporary far right and the technological elites of Silicon Valley, taking Peter Thiel as its central object of analysis. Drawing upon an analytical and interpretative approach grounded in Political Philosophy and the Social Sciences, the study investigates Thiel's technocratic worldview and its relationship with the so-called *Dark Enlightenment*, as well as its intellectual affinities with thinkers such as Thomas Hobbes, Carl Schmitt, and René Girard. The article argues that Thiel's project goes beyond traditional economic libertarianism by advocating a reconfiguration of political sovereignty based on the concentration of power in technological elites, the centrality of artificial intelligence, and the gradual replacement of core state functions by large digital corporations. It also examines the role of Palantir and the growing integration of technology, surveillance, economic power, and state institutions during Donald Trump's second administration, highlighting the emergence of a new form of illiberal technocratic power. The article concludes that the rise of this technocratic far right represents a significant transformation in the modern concept of sovereignty, progressively shifting the locus of political power from democratic institutions to digital infrastructures controlled by major technology corporations, thereby posing new challenges to liberal representative democracy and contemporary Political Philosophy.

1. Introdução

A aceleração coletiva em direção a uma Nova Ordem Mundial é sentida em todos os lugares, deixando-nos com a sensação de precisar de uma nova biblioteca para decifrar o presente e desenhar o futuro que nos espera, porque nada mais pode ser dado como garantido.

Uma característica marcante dessa nova ordem é a aliança inédita entre a extrema-direita política e a tecnocracia atuais, a qual, mesmo que ainda não se expresse por meio de uma cosmovisão completamente coerente, certamente representa uma novidade. Entender as razões e os valores dessa nova cosmovisão filosófica tornou-se uma tarefa urgente para as análises da filosofia política e das ciências sociais na atualidade.

O espetáculo da posse do segundo governo de Trump, cercado por figuras-chave das denominadas “tecnologias de plataformas”, como Mark Zuckerberg, Elon Musk e Jeff Bezos, entre outros, é um sinal claro de que a política e a economia estão agora interligadas ao controle da tecnologia digital: talvez uma banalidade, mas, dita e exposta explicitamente no Capitólio na posse de Trump, tem um grande efeito demonstrativo.

Este artigo tem como objetivo analisar criticamente quais são os fundamentos ideológicos dessa nova aliança e desse “ultraliberalismo tecnocrático” que parece estar conquistando o mundo.³

Peter Thiel — negacionista das mudanças climáticas, gênio da matemática, anarquista-libertário de extrema-direita, formado em filosofia e direito pela Universidade Stanford, admirador de Tolkien, cofundador do PayPal e considerado o “coração das trevas” do mundo digital — não persegue apenas a riqueza, como faz a maioria dos outros tecnocratas do Silicon Valley. Thiel quer algo diferente. Como já foi chamado, a “alma negra do Vale do Silício” tem uma visão *apocalíptica da modernidade* e contempla um retorno à visão *absolutista da política*, aquela do *bellum omnium contra omnes* (“a guerra de todos contra todos”), delineada no século XVII por Thomas Hobbes nos livros *De Cive* e *Leviatã* (Hobbes, 2021, 2023; Castro, Olivieri e Lacerda, 2025a, 2025b).

Thiel é um dos principais financiadores do projeto MAGA (*Make America Great Again*) e, particularmente, de Donald Trump desde sua primeira candidatura em 2016. Amigo, sócio e compadre de Elon Musk, tornou-se posteriormente o grande eleitor e financiador de JD Vance — primeiro como senador e hoje vice-presidente dos EUA —,

³É bom ressaltar que Peter Thiel defende tendências ideológicas opostas às de outro “guru” da extrema-direita americana, Steve Bannon, um dos principais assessores do primeiro governo Trump. Para dizê-lo em poucas palavras: o primeiro defende uma ideologia individualista, libertária e anti-Estado, o segundo defende uma ideologia populista estatista, de cunho operária industrial e nacionalista xenófoba.

outrora paladino dos "disfuncionais" descritos em seu livro *Era Uma Vez Um Sonho*, e mais tarde tecnocrata extremista e porta-estandarte de uma intransigência nacionalista e anti-imigratória⁴ (Vance, 2017).

Thiel não gosta da competição, a qual, segundo suas próprias palavras, é "uma perda de tempo e de recursos", nem do livre-mercado do liberalismo clássico, mas defende um poder *absoluto* gerido por *tecnocratas* apoiados pela *inteligência artificial* (IA), sem o qual o Estado jamais funcionaria. Misturando sugestões do escritor e romancista Tolkien, do filósofo e jurisconsulto Carl Schmitt e do antropólogo René Girard, ele profetiza um Armagedom que, em breve, testemunhará o confronto supremo entre o Bem e o Mal. "É por isso", faz questão de salientar, "que a Palantir existe", com sua miríade de empresas associadas, visando à *proteção da humanidade*.

Com efeito, Thiel é o fundador da Palantir, criada em 2003, após a venda do PayPal, como uma empresa de tecnologia de IA do Vale do Silício. Rapidamente, ela se tornou uma das companhias mais influentes na área de análise de dados para governos, agências de inteligência (como a CIA, a NSA e o FBI) e grandes corporações privadas. Além da agregação de dados biométricos, o *software* da Palantir também foi usado pelo ICE para analisar redes migratórias e identificar imigrantes irregulares, bem como pelas forças armadas dos EUA para estudar a guerra híbrida que se desenrola no embate entre as grandes potências.⁵

Thiel, que por anos permaneceu nas sombras cuidando de seus negócios e estudando filosofia, surgiu primeiro com um artigo aparentemente delirante no jornal *Financial Times*, de janeiro de 2025, intitulado *A Time for Truth and Reconciliation*. Em tom claramente apocalíptico, anunciou a nova era Trump como uma era de *revelação* (apocalíptica) em que tudo o que havia sido escondido dos cidadãos pelos governos malignos anteriores seria revelado. Mais tarde, com outras intervenções igualmente apocalípticas, culminou em um podcast do jornal *The New York Times*, no qual não hesitou em definir a ativista e ambientalista sueca Greta Thunberg como o "Anticristo".⁶

Na visão de Thiel, uma *elite cognitiva* tomará o poder, formada por uma porcentagem baixíssima da população global, enquanto a maioria se verá desempregada, ressentida e potencialmente violenta devido à revolução tecnológica em curso. Se as guerras tradicionais diminuïrem — porque os Estados já não terão meios para pagar exércitos e armamentos —, as agitações locais aumentarão, dado o alto índice de desemprego e a violência provocada pelo ressentimento social. Os violentos desempregados e excluídos, porém, não serão os mais pobres e miseráveis, mas os ex-integrantes das *classes médias urbanas tradicionais*, com certo nível de educação, a quem as novas tecnologias terão tirado o trabalho e, portanto, os meios de subsistência.

A nova elite cognitiva será composta por indivíduos finalmente libertos de todos os vínculos da velha educação e das antigas regras, e deverá sua força criativa e intelectual à própria fortuna e ao *mérito individual*. Poderá se estabelecer em qualquer parte do mundo — uma elite *globetrotter* —, criando dinâmicas geopolíticas de proximidade entre regiões

⁴ Não é coincidência que o atual vice-presidente dos USA J.D. Vance seja uma figura política literalmente criada por Thiel, que o financiou e o elegeu em Ohio como senador, para depois essencialmente o impor a Donald Trump como seu companheiro de chapa, até que o alçou ao pódio da vice-presidência dos USA.

⁵ Vista de fora, a Palantir pode até parecer um caso de sucesso, pela quantidade, agora constrangedora, de bilhões de dados processados e reorganizados por um banco de dados que digere todo tipo de dado, das declarações do imposto de renda ao *status* imigratório, das informações sobre o trabalho ao número de filhos.

⁶ O próprio Thiel já mostrava essas ideias em seu prefácio de 2020 a um livro profético de 1997, *O indivíduo soberano* (2025), publicado por uma dupla curiosa: um financista libertário americano, James Dale Davidson, e um jornalista inglês, membro do mais refinado establishment britânico, Lord William Rees-Mogg. Nesse livro já se apresentavam, em essência, algumas tendências milenaristas de certo pensamento da tecno-direita americana da qual Thiel é uma das vozes mais articuladas.

e cidades pertencentes a Estados diferentes, promovendo a desagregação dos Estados centrais.⁷ (Thiel, 2014)

Com efeito, a extrema tecno-direita de Thiel e companhia nada tem a ver com a extrema-direita populista e nacionalista: é individualista, globalista, anti-Estado, anti-identidade, meritocrática e antipopulista. Do povo, não se importa nem um pouco; ao contrário, considera-o carne excedente em um mundo onde os novos semideuses empreendedores, libertos dos vínculos dos Estados-nação, mover-se-ão rápidos e leves no contexto de uma modernidade líquida que se densifica cada vez mais (Bauman, 2002).

Em algum momento, as direitas unidas do mundo terão de decidir o que querem: se querem bandeiras, Estados-nação, assistencialismo e identidades purificadas, ou se querem o mundo provável que Thiel vislumbra, dominado por grandes predadores com meios econômicos e tecnológicos muito superiores a qualquer Estado, que não se importam com o destino da sociedade, mas promovem apenas seus próprios interesses corporativos.

A direita agressiva e triunfante que desponta por toda parte talvez seja menos coerente do que parece e terá dificuldade para conciliar visões de mundo tão díspares. Elon Musk tem promovido cada vez mais teorias da conspiração de extrema-direita, especialmente no primeiro ano do segundo governo Trump. Sua animosidade em relação às instituições democráticas está aumentando. Ele faz parte da "Máfia do PayPal",⁸ um grupo de bilionários defensores do ultraliberalismo econômico e iliberais políticos com raízes na África do Sul branca que exercem enorme poder sobre a política atual dos EUA e a indústria de tecnologia digital global.⁹

2. Peter Thiel e a “Máfia do PayPal”

Um desses membros é o bilionário alemão Peter Thiel, dono de um fundo de capital de risco, cofundador do PayPal e cofundador da Palantir. Na cidade sul-africana onde foi criado, Hitler ainda era abertamente adorado na década de 1970. Thiel, um dos principais doadores da campanha de Trump, disse que os programas de direitos e o sufrágio feminino minam o capitalismo. Em uma biografia de 2021 intitulada *The Contrarian*, ele relembrou ter defendido o *apartheid* enquanto era estudante em Stanford, argumentando que era um sistema “economicamente sólido”.

Apesar dos desentendimentos que possam existir entre Thiel, Elon Musk e outros grandes investidores que cercam Trump, eles concordam em sua animosidade em relação à responsabilização — seja para com a lógica das empresas clássicas ou para com o Estado. A diferença em relação a um investidor comum está no conceito e na natureza do poder em que se baseiam: um pequeno grupo de megaempresários e investidores globais que comanda e condiciona o campo financeiro e tecnológico global em curso, sob uma prática que torpedeia todas as normas clássicas do mundo corporativo, assimilando empresas concorrentes e dominando pessoalmente o conglomerado que possui. Essa prática não

⁷ O *individualismo extremo* dessa tendência da tecno-direita extrema, seu impulso revolucionário de dissolução completa da ordem constituída tal como a conhecemos, parece estar em contraste com os populismos nacionalistas de extrema-direita que conquistam hoje o mundo inteiro.

⁸ A revista *Fortune* de 2007, nos USA, juntou todos os cérebros de Silicon Valley da época, os fantasiou de mafiosos e eles aceitaram ser fotografados dessa maneira. Todos vestidos como se fossem personagens do filme *O Grande Chefão*. É, desde essa época, que lhe ficou a Peter Thiel o mote de Don, como Don Corleone, o Don da máfia do PayPal.

⁹ Antes das últimas eleições alemãs, Musk apoiou o partido de extrema-direita filonazista Alternativa para a Alemanha (AfD) e demonstrou grande interesse em genética, sobretudo pela sua defesa da possibilidade tecnológica de atingir a imortalidade da espécie. Ele ecoou alegações de um iminente “genocídio branco” na África do Sul e apoiou postagens que falam da “grande substituição”, uma teoria racista da conspiração. Seu tom e linguagem lembram cada vez mais aos da África do Sul do *apartheid*, mas o Musk não é único a defender essas ideias na “Máfia do PayPal”.

está muito distante do conceito de máfia ou crime organizado, devido ao seu desafio às leis vigentes.

Exemplos desse ecossistema sempre aparecem, incluindo os fundadores do PayPal (inicialmente chamado de X), mais tarde denominados "Máfia do PayPal", formada por Elon Musk e outros executivos como Reid Hoffman (investidor inicial e cofundador do LinkedIn) e Peter Thiel (investidor inicial do Facebook, membro de seu conselho e fundador da Palantir — a empresa de software conhecida por fornecer vigilância controlada por IA para os EUA e Israel). Os dados mostram que o mundo das novas finanças se conectou bem com o Vale do Silício e com novos atores políticos associados à extrema-direita.¹⁰

A batalha narrativa da tecno-direita se concentra em minar as certezas da *razão iluminista*, que é pública, acessível a todos e baseada em fatos comprovados. Peter Thiel, outro magnata da tecnologia de IA, publicou um artigo de opinião no jornal *Financial Times* intitulado *A Time for Truth and Reconciliation* ("Um Tempo para a Verdade e a Reconciliação") no qual procurou articular alguns aspectos da narrativa subjacente ao novo tecnoliberalismo. Há algo do *Futurismo* estético e filosófico, que tanto inspirou o Fascismo clássico, nesse pensamento acelerado, ultratecnológico, mas irracional, místico e violento.

A crosta racional do pensamento liberal clássico é, para a nova tecno-direita, um sistema opressivo que vê apenas o que quer ver, acreditando ser baseado em princípios de justiça, liberdade e solidariedade, enquanto, na realidade, é profundamente injusto com os melhores e censor com sua retórica *woke*. A racionalidade clássica não é, portanto, uma virtude, mas um obstáculo à verdadeira inteligência — a superior —, que procede de forma visionária, intuitiva e até mística.¹¹

Ele se alegra com a chegada de um *apocalipse* com Trump, mas um apocalipse diferente do bíblico. Em grego, "apocalipse" significa "revelação", e a nova era trumpiana não será de destruição, mas de revelação do que a democracia liberal representativa escondeu de nós. O tom pode parecer o clássico *topos* das teorias da conspiração: ninguém está dizendo a verdade e estamos submersos em um mar de mentiras que algum herói corajoso está pronto para revelar. A revelação, de acordo com Thiel, será possível graças às novas tecnologias, que exporão, por meio de sua difusão, as verdades secretas que os maus democratas do mundo mantiveram escondidas.

Se o conhecimento procede por meio de *mudanças de paradigma*, como mostrou o filósofo da ciência Thomas Kuhn, a revolução ideológica ocorre de forma análoga, com uma retórica que sempre apresenta um poder opressor incapaz de revelar a verdade e um grupo de heróis que finalmente a descobrem, como os cavaleiros do *Santo Graal* (um objeto místico acessível apenas àqueles que são dignos). O que agora se considera verdade pode se tornar falso, e o que é proibido dizer pela "censura" democrática e *woke* repressora se tornará verdade.¹²

As novas verdades reveladas pelos heróis da tecno-direita são visíveis apenas para eles, enquanto, para as pessoas comuns, continuam tendo crenças não comprovadas e teorias da conspiração; isso ocorre devido ao fato de que as massas ainda não viram a luz

¹⁰ Thiel é um doador conhecido do Partido Republicano e de Trump, e foi ele quem apresentou Musk a este último num de seus primeiros encontros. Ele empregou o atual vice-presidente dos USA, JD Vance, em uma de suas empresas e financiou sua corrida para o Senado em 2022.

¹¹ Sua cosmovisão defende que a urbanização é um mito, os USA não deveriam se concentrar em tecnologia específicas, mas em construir novas *infraestruturas*, que a morte não é um fato biológico, mas uma limitação da medicina. Visionário, Thiel sempre buscou investimentos arriscados e projetos que vão contra a corrente, argumentando que nada é impossível. O nome *Palantir*, a empresa fundada por ele, vem do romance de Tolkien *O Senhor dos Anéis*: uma pedra que permite ver e se comunicar a grandes distâncias.

¹² Os heróis do Tolkien são puros, solitários e visionários, agindo mais por revelações do que pela lógica, sempre lutando contra o Mal.

que em breve as invadirá graças aos rios de aplicações de IA. Para os novos tecnocratas, as espadas dos cavaleiros da revolução são justamente as novas tecnologias de IA, com seu imaginário, seu estilo de contrapoder e seu imenso potencial de dominação em massa, devido à absoluta ignorância do público em geral em relação a essas mesmas tecnologias.

Em suma, surgem novas narrativas, feitas de revelação, liberdade absoluta, poder dos indivíduos e admiração pela força. O grande erro da tecno-direita é jogar o bebê fora junto com a água do banho e pensar que liberar energias significa destruir tudo o que existiu até hoje em termos de progresso social, cultural, científico e moral no Ocidente. Por isso, a extrema direita atual não é politicamente conservadora, mas reacionária revolucionária. A divisão entre o Bem e o Mal continua sendo sempre o maior risco de qualquer ideologia, porque não nos permite entender o mundo e nos faz ver inimigos onde não há (Olivieri, Castro, Lacerda e Palma, 2020b).

3. A Ilustração Obscura

Há algumas querelas travadas na filosofia que não têm a ver com o que é moralmente correto, mas que podem ser analisadas a partir de um ponto de vista crítico. Isso pode soar como um paradoxo, talvez, ao descrever e analisar criticamente esse tipo de movimento filosófico. Em outros termos, é interessante poder compreendê-lo, analisá-lo e levá-lo em conta, assim como pôr em questão sua própria cosmovisão e seu fundamento metafísico.

Por esse motivo, a denominada “ilustração obscura” não representa algo que alguém tenha de adotar ou seguir cegamente, mas sim analisar e compreender, especialmente em relação aos seus princípios filosóficos, pela seguinte razão: o que a ilustração obscura questiona e promete como projeto tem a ver com o panorama político, social e filosófico atual, que está realmente em um ponto de virada crítico.

Nessa mesma especulação filosófica — e aí está a beleza da filosofia —, podem-se encontrar e questionar as fendas apresentadas pela situação atual.¹³ Os autores desse movimento de reação afirmam que a democracia liberal, tal como a conhecemos, é produto da *Ilustração Filosófica* desenvolvida na Europa no século XVIII e que não deve ser interpretada nem defendida, tal como a entendemos hoje, como o ponto mais alto da história política humana, (Castro, Olivieri e Lacerda, 2025c).

Nick Land aponta que se trata de um sistema decadente e ineficiente por conter muitas falhas, paradoxos e contradições que impedem seu funcionamento como teoricamente deveria ocorrer. Além disso, considera-o um sistema incapaz de resolver os próprios problemas que gera. A democracia liberal produz muitas injustiças, é ineficiente em diversas ocasiões e acumula armadilhas em seu entorno, acabando por funcionar como um poder político autoritário diante da crise dos partidos políticos tradicionais e da representação política como um todo.

Por outro lado, a *igualdade política*, também filha da Ilustração, seria uma ficção cheia de lacunas e pressupostos. Ao fim e ao cabo, seria mais eficiente entregar o poder político às *novas elites tecnológicas* — os proprietários e CEOs competentes que demonstraram habilidade e eficácia em seus campos profissionais específicos e que agora as demonstrariam à frente de uma *nova governança política aristocrática de cunho tecnocrático*.

¹³ Pode-se considerar que as fontes dessa cosmovisão se encontram num conjunto de livros, artigos, podcasts etc., que vão desde Nick Land, Curtis Yarvin, Alexandre Karp, até o próprio Peter Thiel. Tudo isso encontra-se, inicialmente, sobretudo na blogosfera e depois se traduz em livros e artigos. Portanto, a cosmovisão da Dark Enlightenment não está num único livro, mas em diversos textos, muito dos quais estão na web.

Land afirma que uma forma de *metrópole cyberpunk* deveria assumir esse comando e que os Estados ou governos deveriam funcionar como se fossem empresas, sob a direção eficiente de um CEO experiente e bem-sucedido, quando focado no benefício econômico e na eficiência de sua corporação — e que agora o seria dessa cidade ou Estado —, o que configuraria o governo ideal. Por outro lado, ele também critica o voto democrático, pois supõe que o sufrágio universal contempla tantos perfis de pessoas que o resultado é invariavelmente marcado por decisões questionáveis para o bem comum, sob a premissa de que a maioria da população é medíocre ou incapaz.

Em outras palavras, todos os ideais emergentes da Ilustração — liberdade, igualdade e fraternidade — que, no fundo, vieram acompanhados de uma sorte de dialética evolutiva, deveriam concretizar o sonho iluminista. Os ideólogos da ilustração obscura propõem, ao contrário, que alguns desses princípios fundamentais — senão a maioria — deveriam ser revertidos, indo na contramão da Ilustração, motivo pelo qual denominam suas propostas de “ilustração obscura”. O que a ilustração obscura propõe é o questionamento radical de todos esses princípios ilustrados que, talvez, já não sejam mais válidos para a época em que vivemos ou que está por vir; ou, dito de outro modo, suspeita-se que essas promessas tenham fracassado. Por esse motivo, “melhorar” pode significar também “destruir”.

Dá-se a entender, portanto, que a liberdade legitimada na vida democrática gera caos e desordem. Nessa desordem, o que acaba emergindo é uma demanda social por autoridade, já que a *insegurança* gerada por esse cenário caótico faz com que a sociedade acabe demandando uma *autoridade forte* para administrar o caos social, legitimando, assim, um governo centralizado e iliberal.

É nesse ponto também que se legitima teoricamente a chave de leitura tecnocrática do “filósofo-rei” para melhor compreender a ilustração obscura — uma interpretação do filósofo-rei que se traduz, em suma, no monarca ilustrado. Na interpretação política da ilustração obscura, esse papel deve caber a um “tecnocrata-rei” advindo do ecossistema das novas tecnologias digitais. Sua legitimidade política não deveria derivar necessariamente do consentimento popular em andamento das urnas, mas do conhecimento especializado e de uma *razão instrumental* associada agora à sabedoria política (Land, 2022).

Quando Curtis Yarvin, assim como Peter Thiel, defende que os CEOs de empresas assumam a soberania sobre os Estados e os administrem como corporações, ele retoma a provocação platônica clássica: por que a maioria — tida como medíocre e incompetente — deve governar, quando se poderia ter uma minoria competente, com expertise comprovada em seus campos de atuação profissional?

Entretanto, há uma diferença fundamental entre a proposta platônica e a dos teóricos atuais da ilustração obscura. Platão propõe uma preparação filosófica, lógico-matemática, dialética e, sobretudo, ética, proveniente da própria tradição filosófica. Já Land, Yarvin, Thiel e outros defendem uma sorte de elite puramente tecnocrática: um *gestor político* ou um *político gestor*. Nesse sentido, o *horizonte moral e normativo* da filosofia política defendido pela ilustração obscura distancia-se profundamente do platônico.

Por um lado, Land transforma a *crítica cultural à modernidade* feita por alguns filósofos contemporâneos de cunho nietzschiano (como Deleuze e Guattari) em uma crítica de corte meramente *político*, atravessada continuamente por um viés estritamente *tecnológico*. Por outro lado, há uma crítica oriunda do *hobbesianismo político* (Carl Schmitt, Leo Strauss etc.), segundo a qual a *ordem* política e social seria mais importante do que a liberdade. Uma vez que no Estado de Natureza em que vivemos haveria

permanente conflito, insegurança e violência, todos os indivíduos delegariam seu poder a um soberano supremo — o famoso Leviatã.

Enfim, todas as questões levantadas pelos filósofos da ilustração obscura confluem para a aceitação e a legitimação de que nunca há uma igualdade real na condição humana. Na ilustração obscura há um pressuposto *metafísico* hobbesiano oculto ao suspeitar que a estabilidade política requer *formas de autoridade* muito mais rígidas e centralizadas, ausentes nas democracias liberais representativas contemporâneas, as quais pressupõem e legitimam a igualdade de todos em termos de direitos políticos.¹⁴

A ilustração obscura pode ser interpretada como uma resposta ao otimismo acrítico do “fim da história” (Fukuyama), que combinava mercados abertos globais, democracia liberal representativa e paz duradoura, modelo que emergiu e se consolidou durante as duas últimas décadas do século XX. Entretanto, vive-se hoje em um mundo de crises financeiras, fragmentação social, ascensão de novas potências, polarização política e digitalização profunda. Começa a se instalar um novo mundo tecnológico que gera ansiedade e medo, percebendo-se a perda progressiva de características políticas relevantes, como a *confiança institucional*. Em outras palavras, a ilustração obscura é uma interpretação reacionária, uma *retrotopia*, do “medo ambiente” cotidiano atual. (Bauman, 2023).

Diante desse panorama, a resposta de alguns intelectuais contemporâneos é compreender que não se trata do fim da história, mas do início de uma *nova fase histórica*. É aqui que reside o interesse da filosofia política contemporânea: em como se interpreta, se redefine e se dá forma conceitual a essa nova etapa que estamos vivenciando. Esse diagnóstico reacionário representa a primeira fenda intelectual contra o consenso liberal que triunfou desde o fim da Segunda Guerra Mundial até o término do século XX. É por isso que a ilustração obscura pode ser lida como um sintoma histórico, pois marca o momento em que o Ocidente começa a suspeitar de seu próprio DNA, -as ideias do Iluminismo, da democracia liberal e da globalização-, que se mostra insuficiente de explicar o mundo emergente (Olivieri e Castro, 2025).

Yarvin identifica essas “patologias democráticas” na existência de uma burocracia estatal excessiva e no próprio sistema eleitoral das democracias atuais, quase sempre estruturado em mandatos curtos de quatro ou oito anos, incapazes de viabilizar projetos de longo prazo, como ocorreria na China. Ele entende que ali se apresenta uma vantagem comparativa, pois o imediatismo eleitoral das democracias liberais torna inviáveis as políticas públicas de longo alcance e impede a execução de projetos que demandam mais tempo e consenso devido à sua envergadura. Ao fim e ao cabo, esse cenário conduz a uma *incompetência institucional e administrativa na governabilidade da democracia liberal*¹⁵(Miranda, 2026).

Nick Land, por sua estirpe filosófica (uma síntese de niilismo anarquista e determinismo tecnológico) e sua participação em movimentos como o “aceleracionismo”, defende que o capitalismo, em vez de ser contido ou freado, deveria ser acelerado até suas últimas consequências. Em outras palavras, interpreta o capitalismo como uma inteligência emergente — uma espécie de processo autônomo que “utiliza” os humanos como veículos temporais no espaço-tempo. Por esse motivo, a dimensão política perde a

¹⁴ Yarvin entende que a *catedral*, como ele a denomina, seria um ecossistema composto pelas universidades, meios de comunicação, instituições de corte cultural, museus, burocracias, todas essas organizações que compartilham certos valores progressistas e que produziram um consenso ideológico que depois difundem através dos meios de comunicação, os livros, a leitura ou esses sistemas e ecossistemas que dominam através do pensamento. Em suma, o que se denomina popularmente “*cultura woke*”.

¹⁵ Afinal, o que defende é que cidades ou estados funcionem como empresas, mas uma empresa não tem cidadãos. Uma empresa funciona com clientes, o cliente pode ir embora quando quiser, mas o cidadão, em princípio, não é um cliente do Estado e o Estado não é uma empresa.

relevância, assim como a dimensão humana; toda a sua análise interpretativa centra-se em um aceleracionismo tecnológico cego, desprovido de intervenção humana ou de uma *práxis política* significativa.

A ilustração obscura funciona como uma cosmovisão filosófica, mas também como um relato de advertência que permite identificar as falhas da realidade política atual e analisá-las criticamente. Como se analisou antes, questiona o consenso liberal de uma globalização inevitável e de uma democracia liberal invencível que se expandiria sem limites, uma sorte de fé na capacidade ilimitada de resolução de conflitos pela via do consenso e das instituições democráticas. Cabe assinalar que hoje emerge um novo mundo no qual a tecnologia se cruza com a política, o poder econômico e a democracia. Para descrever essa nova relação, cunhou-se o termo “tecnofascismo”, conceito associado ao filósofo austríaco da tecnologia Mark Coeckelbergh (2024) e à filósofa italiana Donatella Di Cesare (2026).¹⁶

Segundo Coeckelbergh, presenciamos a emergência de um novo tipo de fascismo ou de democracias autoritárias que se veem empoderadas e impulsionadas pelo alcance expandido dos algoritmos de IA. Os algoritmos permitem ordenar o caos da informação circulante, sem o qual seria inviável conduzir a vida cotidiana na forma como a conhecemos. Esse ordenamento do caos tornou-se uma ferramenta necessária para que possamos atuar como seres funcionais dentro da própria sociedade que alimenta esses algoritmos, gerando uma profunda relação de dependência cotidiana em relação às tecnologias vigentes. Entretanto, embora essas sociedades continuem organizadas legalmente sob regulações e mecanismos institucionais, as plataformas tecnológicas passam crescentemente a governar os espaços democráticos, o cotidiano e o *mundo da vida* das pessoas.

4. As ideias filosóficas de Peter Thiel

Como se afirmou anteriormente, deve-se ressaltar a ligação ideológica de Peter Thiel com a *Dark Enlightenment* (Ilustração Obscura), a corrente de pensamento que defende a concentração de poder nas mãos de um líder forte e, ao mesmo tempo, uma liberdade de mercado radical *apenas* para os mais poderosos, voltada para grandes corporações integradas *estruturalmente* ao Estado. Esse modelo retoma o velho mercantilismo moderno, porém com uma roupagem tecnológica e autoritária. Trump não é necessariamente um adepto fiel dessa doutrina, mas se vale dela amplamente, ainda mais agora em seu segundo governo. Thiel é também o *elo* entre tecnologia e política: sua empresa, a Palantir, especializada em vigilância e análise de dados, fornece sistemas utilizados por governos e forças de segurança.

Peter Thiel e Alexander Karp, ambos formados em filosofia, criaram a Palantir em 2003, após os atentados das Torres Gêmeas resultantes do ataque terrorista da Al-Qaeda aos Estados Unidos, especializando-se no setor de defesa, segurança e vigilância global. Por isso, ao contrário de outros magnatas do Vale do Silício, defendem que o complexo da tecnologia digital deixe de focar exclusivamente no universo da cultura de *entertainment* hedonista e na *Pax Americana* fukuyamista — aquela combinação de *feedback positivo* entre capitalismo, democracia e liberdade da qual *todos* desfrutaríamos —, argumentando que, na realidade, o Estado democrático liberal e a indústria de entretenimento estão perdendo (ou temendo perder) a corrida da liderança americana global para a China.

Trata-se de um processo que começou a se aprofundar a partir da crise financeira de 2008. Em 2016, a crise econômica em curso deslocou-se para a dimensão institucional

¹⁶ Também tem se popularizado o conceito de “tecnofeudalismo”, cunhado pelo intelectual grego Yanis Varoufakis (2025), para descrever a situação presente.

e, por meio de processos eleitorais, passou a manifestar seu impacto deletério sobre uma parcela da sociedade que expressou no voto a insatisfação de suas demandas. Posteriormente, a partir de 2020, a pandemia atuou como um grande acelerador desse cenário, somando-se, nos últimos anos, aos conflitos na Ucrânia e no Irã, o que escalou exponencialmente o clima de ansiedade e insegurança globais (Olivieri e Castro, 2020a).

Na prática, Thiel ajudou a integrar o setor privado de tecnologia digital e IA ao aparato estatal de controle onisciente dos EUA, um dos pilares do segundo governo Trump. Essa conexão evidencia como a tecnologia pode ser empregada para reforçar projetos autoritários sob o argumento de “proteger o país”. Ele confere, ainda, *prestígio corporativo* a essa agenda: quando um bilionário bem-sucedido do Vale do Silício defende o nacionalismo iliberal e a desconfiança na democracia liberal, essas ideias ganham aparência de sofisticação intelectual e penetram entre as elites econômicas.

Segundo Thiel, a era tecnológica contemporânea está cercada por diversos *medos globais* — da guerra nuclear ao avanço descontrolado da IA — que podem ser explorados por governos para justificar regimes autoritários ou democracias eleitorais iliberais. Ele afirma temer um mundo unificado sob um único sistema político e tecnológico, algo que associa à figura do “Anticristo”. A contradição reside no fato de que o próprio Thiel financia e é proprietário de empresas de vigilância e controle de dados, como a Palantir. Assim, enquanto critica o globalismo, desenvolve as ferramentas que o viabilizam. Para ele, “a democracia é incompatível com a liberdade”, sustentando que a verdadeira batalha travada no mundo atual é a da tecnologia contra a política.¹⁷

4.1. Conceitos fundamentais da cosmovisão de Thiel

“Armagedom”: Na Bíblia, é a batalha final entre o bem e o mal antes do fim do mundo. Thiel utiliza o termo como metáfora para o colapso da civilização moderna, marcada por guerras, crises tecnológicas, ansiedade e medo do futuro.

“Anticristo”: Figura que, segundo a tradição cristã, surgiria prometendo paz e unidade, mas traria dominação e engano. Para Thiel, simboliza qualquer tentativa de unificar o mundo sob um único poder global, o que ele considera perigoso e autoritário.

“Katechon”: Palavra grega que significa “aquele que segura” ou “aquele que impede”. Representa a força que conteria o caos e atrasaria o fim dos tempos. Thiel reinterpreta o conceito como a necessidade de líderes políticos fortes e elites tecnológicas capazes de “conter” a desordem, em suma, uma boa justificativa para concentrar poder e vigilância.

Peter Thiel inspira-se em dois pensadores de origens muito distintas: o antropólogo e filósofo francês René Girard¹⁸, que foi seu professor na Universidade Stanford e seu orientador de doutorado, e Carl Schmitt¹⁹, filósofo e jurista alemão que colaborou com o regime nazista.²⁰

Por um lado, Thiel adaptou e reduziu a leitura dos conceitos antropológicos e filosóficos de Girard para interpretar o presente. Para ele, as democracias modernas vivem

¹⁷ Este mesmo algoritmo que alimenta a IA, que alimenta a OpenAI, que alimenta a Palantir etc. as alianças com Trump, a deportação massiva de pessoas etc., é o *mesmo* algoritmo ou é um algoritmo muito *similar*, se quiser, que permite movimentos como, por exemplo, o Me Too, o Ni Una Menos, a Primavera Árabe etc. Todos esses elementos estão inseridos *estruturalmente* no funcionamento da nossa sociedade.

¹⁸ René Girard (1923–2015), autor da teoria do “desejo mimético”, segundo a qual as pessoas não desejam de forma autônoma e direta um objeto, mas imitam o desejo dos outros, o que leva à rivalidade, ao conflito e, muitas vezes, à violência. Para aliviar essas tensões, as sociedades elegem um “bode expiatório”, uma pessoa ou algum grupo, a quem se atribuem todos os males coletivos. (Girard, 2012)

¹⁹ Carl Schmitt (1888–1985), conhecido como o teórico do autoritarismo moderno. Defende que toda política se baseia na distinção entre “amigos e inimigos” e que, em tempos de crise, denominado “estado de exceção” a democracia deve ser suspensa para que um líder soberano atue sem restrições. Esse raciocínio serviu de justificativa teórica para o Estado totalitário de Hitler. (Schmitt, 2024)

²⁰ Thiel formou-se em Filosofia e Direito em Stanford, uma das universidades mais prestigiadas dos Estados Unidos, localizada na Califórnia, no coração do Vale do Silício, centro global da inovação tecnológica. Foi nesse ambiente cultural, que une pensamento crítico e cultura empreendedora, que Thiel teve sua formação moldada pela combinação entre teoria e poder.

presas em ciclos de inveja e ressentimento, amplificados pelas redes sociais e pela globalização. Sua solução passa pela emergência de “forças de contenção”: líderes fortes e elites tecnocráticas racionais, capazes de controlar o caos e evitar o colapso social.

Por outro lado, Thiel recupera o conceito central de Schmitt, o *katechon* — o poder que “restringe o fim dos tempos” —, e o reinterpreta à luz do século XXI. Para ele, esse papel de contenção caberia a governos fortes e a sistemas de vigilância baseados em tecnologia digital e IA. Ao criar empresas de monitoramento global, como a Palantir, e financiar políticos nacionalistas, Thiel aplica na prática uma *versão digital* do pensamento autoritário de Schmitt, *fundindo teologia, tecnologia e poder em um mesmo projeto ideológico*.

A fusão dessas duas influências — Girard e Schmitt — ajuda a explicar por que o discurso de Thiel soa tão paradoxal. Ele fala em conter o caos, mas defende que apenas líderes “iluminados” e elites tecnológicas têm capacidade para fazê-lo. Sua visão combina religiosidade apocalíptica, desconfiança da democracia liberal e culto ao poder iliberal. Essa retórica se ajusta perfeitamente ao trumpismo, movimento que mobiliza o ressentimento coletivo e o traduz em uma guerra simbólica entre “nós e eles”. Thiel foi um dos maiores financiadores dessa agenda política e um dos principais responsáveis por conferir ao trumpismo uma base ideológica.

As ideias de Thiel não se restringem aos EUA. Elas inspiram setores da extrema-direita global (a Argentina de Milei, a Hungria de Orbán etc.) e a brasileira, especialmente o bolsonarismo, que reproduz o mesmo padrão de discurso: a crença em um *inimigo interno* a ser combatido (a imprensa, os artistas, os comunistas); o apelo religioso de salvação diante de um “caos moral”; e a defesa de líderes fortes como única saída para o “fim dos tempos”. Assim como Trump, Bolsonaro recorreu a narrativas messiânicas e antissistêmicas para justificar ataques às instituições democráticas no Brasil. Ambos se apoiaram em redes digitais e na lógica de vigilância e manipulação de dados, tecnologias que, ironicamente, foram impulsionadas por bilionários como Peter Thiel.

Peter Thiel representa uma *nova forma de poder autoritário iliberal*: menos baseada em armas convencionais e mais assentada em algoritmos e IA. Sua influência *articula* capital financeiro, tecnologia e ideologia religiosa para moldar a política contemporânea. Compreender o pensamento de Thiel é essencial para analisar o trumpismo, o bolsonarismo e outras expressões da extrema-direita global. Não se trata de um personagem secundário, mas do *engenheiro intelectual* de um modelo de mundo que utiliza o medo do colapso como combustível político e a promessa de ordem como justificativa para o controle. Sua influência é mais estratégica e possivelmente mais duradoura do que a de outros magnatas da tecnologia, operando por meio de uma rede complexa de capital, tecnologia de vigilância e apadrinhamento político.

4.2. O tema do nosso tempo? A luta entre tecnologia e política

Como se analisou na seção anterior, Peter Thiel pertence a um grupo de tecnólogos vinculados a empresas de IA que parte do pressuposto de que a governança comandada pela IA pode substituir a ordem democrática. Argumenta que a verdadeira luta no mundo contemporâneo se resume ao confronto entre tecnologia e política, e defendem um projeto e uma utopia política em que a tecnologia deve *substituir à praxis* política.

Em julho de 2025, celebrou-se um grande acordo entre a companhia *Palantir Technologies* e o Pentágono, sob o argumento de aprimorar a eficiência administrativa e operacional do agora denominado Ministério da Guerra dos EUA. O *software* da Palantir passou a operar como sistema central para inteligência no campo de batalha, logística e gerenciamento de pessoal. O que parecia uma decisão de racionalidade burocrática era,

na realidade, a entrega estratégica de funções militares fundamentais do Estado democrático americano a uma empresa privada cujo fundador declarou abertamente que a liberdade e a democracia já não são compatíveis.²¹

Essa cessão de estratégias e competências operacionais outrora estatais para empresas privadas implica que as decisões sobre objetivos, movimentação de tropas e inteligência passam a ser crescentemente mediadas por algoritmos. Tais sistemas não são controlados unicamente pelo comando militar, mas por um conselho de administração que responde a acionistas privados, entre eles, o próprio Peter Thiel. O exército americano não apenas adquiriu software privado, mas cedeu soberania operacional a uma plataforma sem a qual já não consegue funcionar.

Configura-se em Washington uma nova constelação de poder político, tecnológico e econômico que impõe o desafio mais complexo à governança democrática na era digital: um Complexo Tecnológico Autoritário mais célere, mais ideológico e mais privado do que qualquer modelo militar-industrial anterior. O Vale do Silício não apenas desenvolve aplicações, mas quer atuar na construção de impérios. Argumenta-se que a internet está retornando às suas origens: um sistema de caráter essencialmente militar. Tendo a tecnologia nacionalista como bandeira, uma coalizão de grandes empresas, financiadores e ideólogos delinea uma infraestrutura planetária de vigilância, coerção e governança autoritária, quase sem prestação de contas às instituições políticas democráticas legitimadas pelo voto popular.

Trata-se de um sistema estratificado — composto por plataformas em nuvem, modelos de inteligência artificial, redes financeiras, drones e sistemas orbitais — que forma uma infraestrutura tecno-política integrada de controle, denominada por Francesca Bria como “pirâmide autoritária”. Em seu topo, encontram-se os expoentes politicamente mais ideologizados do Vale do Silício.

Segundo Bria, além desse exemplo, diversos sistemas ao redor do mundo adotaram as tecnologias da Palantir para administrar suas plataformas, a exemplo do Serviço Nacional de Saúde de Londres, na Inglaterra, que agora depende da infraestrutura dessa empresa. Nenhuma dessas decisões provocou um debate parlamentar significativo. No entanto, tomadas em conjunto, revelam a *externalização* sistemática da soberania estatal em diversos níveis — inclusive na Europa — para empresas tecnológicas norte-americanas fundadas por investidores ligados ao reacionarismo de extrema direita do Vale do Silício. Os governos europeus, paradoxalmente, buscam uma autonomia estratégica no exato momento em que suas infraestruturas críticas são reconfiguradas para depender de plataformas estadunidenses cujos executivos minam ativamente as instituições da democracia europeia (Bria, 2025).

Diversos executivos dessas companhias — em especial os vinculados a Peter Thiel — passaram a integrar o segundo governo Trump. É o caso de Stephen Miller, chefe de gabinete adjunto de Donald Trump e acionista da Palantir;²² Michael Kratios, ex-integrante da equipe de Thiel, que assumiu a direção do Gabinete de Política Científica e Tecnológica da Casa Branca; e Michael O'Bannell, executivo da empresa Anduril, nomeado secretário do Exército enquanto mantinha um milhão de dólares em ações da própria Anduril. Em resumo, indivíduos que são simultaneamente acionistas, sócios e executivos de empresas ligadas a Thiel ocupam hoje cargos cruciais no Departamento de Defesa e na

²¹ Palantir Technologies, a empresa em questão, se tornou a empresa com melhor rendimento do índice S&P 500 em 2025, com ingressos trimestrais superiores a US\$ 1 bilhão, impulsionados por um crescimento de 53% com os contratos com o governo de Trump.

²² Se Palantir é a coluna vertebral de dados do Estado iliberal, aqui aparece outra companhia, Anduril, também de Thiel e cofundada por Palmer Luckey, e seu sistema de comando de guerra autônoma. Sua plataforma se chama LATIS. Conecta transmissões satelitais, dados de radar e imagens do campo de batalha em uma única rede operativa, permitindo que as missões militares se planifiquem e se executem de forma automática, sem monitoramento de decisões humanas.

Casa Branca. Em outros termos, Peter Thiel — que descreve a democracia como incompatível com a liberdade e defende que o verdadeiro conflito mundial ocorre entre tecnologia e política — detém contratos colossais com o governo norte-americano e posicionou seus executivos e acionistas em lugares-chave da estrutura estatal.

Como corolário dessa descrição, percebe-se que o que nasceu como uma evasão política libertária transformou-se em uma apropriação autoritária da política. A mesma rede de intelectuais que outrora defendeu as criptomoedas para escapar da autoridade estatal posiciona agora seus membros nos escalões mais altos do Estado americano. Ao não conseguirem construir instituições paralelas às democráticas, esses tecnocratas perceberam que é mais eficaz integrar o próprio núcleo decisório da infraestrutura estatal para realizar a sua retrotopia.

Nessa nova constelação geopolítica, não basta vencer eleições para exercer o poder; é preciso obter contratos com o Estado, e os tecno-autoritários compreendem essa dinâmica. Por essa razão, migraram do questionamento da democracia para a construção de sua substituição, uma vez que não necessitam convencer o eleitor, mas sim controlar a infraestrutura estatal crítica. Para eles, a democracia persiste apenas como uma interface superficial, mantida por razões de estabilidade, enquanto é sistematicamente esvaziada de conteúdo substantivo. Em suma, a extrema-direita tecnocrática iliberal do Vale do Silício não apenas teoriza sobre esse novo mundo, já o está construindo.

5. Conclusão

O objetivo precípua deste artigo consistiu em definir conceitualmente os temas analisados sem recorrer a rótulos simplificadores, ao reconhecer sua complexidade. A exemplo de outros momentos históricos, a revolução tecnológica em curso converte-se em um vetor de poder político relevante, alimentando um debate filosófico significativo na atualidade.²³ A tecnologia de ponta deixa de ser meramente um fator econômico, pois seus desenvolvimentos disruptivos alavancam e legitimam uma elite tecnocrática transnacional — proprietários e executivos de empresas de TI e IA — com ambições políticas e projetos de poder associados, em sua maioria, a ideologias de extrema-direita. Em outros termos, a própria tecnologia transforma-se em instrumento de governabilidade, visto que quem controla a infraestrutura digital e de IA passa a exercer funções e poderes tradicionalmente políticos (Olivieri, Castro, Lucena e Boff, 2021).

Peter Thiel surge como um dos formuladores dessa cosmovisão e busca elaborar uma filosofia política que combina tecnocracia e redenção salvação-escatológica. Ele articula um ecossistema representado por uma rede composta por investidores, empresários, think tanks, universidades, corporações e agentes políticos. Nessa proposta de *filosofia política neoreacionária* (Land, 2022), a democracia liberal é considerada insuficiente e contrária aos ideais libertários defendidos por esse grupo. Reitere-se: a crítica não se dirige apenas aos governos vigentes, mas à própria *democracia liberal representativa*, apontando seu excesso de burocracia, baixa eficiência, incapacidade decisória, excesso de participação popular e perda de capacidade estratégica.

Por um lado, emerge uma nova concepção de *soberania*, na qual empresas privadas passam a exercer atribuições políticas que pertenciam tradicionalmente ao Estado: vigilância, inteligência, análise estratégica, processamento de dados, infraestrutura espacial e comunicação global, entre outras. O Estado deixa de ser o *único* centro de poder

²³ Apenas para citar um exemplo, a Revolução industrial dos séculos XVIII e XIX deslanchou um conjunto de debates filosóficos, sociológicos e políticos bastantes parecidos aos de hoje, ao questionar o papel do Estado perante os desenvolvimentos tecnológicos em curso, o empresário-político redentor, os impactos sociais dessas tecnologias etc. (autores como Saint-Simon, Owen, Comte, Marx etc. são alguns dos autores que refletiram sobre isso).

no qual reside a soberania.²⁴A política converte-se em uma disputa pelo controle informacional, e o conflito político desloca-se dos parlamentos, partidos e eleições para as plataformas, algoritmos, bancos de dados e desenvolvimentos de IA.

Atualmente, um grupo reduzido de grandes empresas globais influencia eleições, financia candidatos, controla informações sensíveis, opera mecanismos de vigilância e presta serviços militares, competências exclusivamente estatais na reflexão da filosofia política moderna. Configura-se, assim, uma ideologia singular, que não se reduz ao conservadorismo, ao liberalismo clássico, ao fascismo histórico ou ao libertarianismo puro, mas *sintetiza* ultraliberalismo econômico, tecnocracia, elitismo, nacionalismo seletivo, concentração tecnológica e crítica à governabilidade democrática (Olivieri e Castro, 2025).

Por outro lado, identifica-se um imaginário apocalíptico e salvacionista em sua proposta filosófica e em sua linguagem política, estruturado por conceitos como Armagedom, Anticristo, Katechon, heróis, revelação e fim da civilização. Sua filosofia política apresenta-se como uma *narrativa escatológica que entrelaça tecnologia, religião e poder*. Peter Thiel e a Palantir, empresa cofundada com Alexander Karp, dedicada ao processamento de dados em grande escala e à IA aplicada à defesa e à vigilância global constituem o fio condutor deste artigo.

Conclui-se, em suma, que se assiste à conformação de uma nova concepção de poder, ou, mais precisamente, a uma reconfiguração do poder político na sociedade contemporânea: quem o detém, quem o perde, como se organiza, quem controla a informação, as infraestruturas, a IA e os dados. Trata-se de uma transformação profunda que exige permanente e criteriosa análise por parte de uma filosofia política crítica.

6. Referências

- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2002.
- BAUMAN, Zigmunt. *Retrotopia*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2023.
- BRIA, Francesca. “El golpe de Estado de los tecnoautoritarios: de la América postdemocrática a la Europa que viene”. Barcelona: Diario La Vanguardia, 24/12/2025.
- CASTRO, Gustavo, OLIVIERI, Alejandro, LACERDA, Lourivânia. Thomas Hobbes: O Estado de Natureza e a Formação do Estado. *Revista Processus de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social*. Ano 7, Vol. VII, n.13, jan.-jun., 2025a.
- CASTRO, Gustavo, OLIVIERI, Alejandro, LACERDA, Lourivânia. Thomas Hobbes e a Teoria do Estado. *Revista Processus de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social*. Ano 7, Vol. VII, n.13, jan.-jun., 2025b.
- CASTRO, Gustavo, OLIVIERI, Alejandro, LACERDA, Lourivânia. A Teoria Política de Montesquieu: as Visões da História e o Estado de Natureza *Revista Processus de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social*. Ano 7, Vol. VII, n.13, jan.-jun., 2025c.
- CASTRO, Gustavo, OLIVIERI, Alejandro, LACERDA, Lourivânia. O pensamento político de Jean Bodin. *Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros*: Ano 7. Vol. 16, n.51, 2025d.
- COECKELBERGH, Mark. *Ética na Inteligência artificial*. SP: Ubu editora, 2024.
- DAVIDSON, James e REES-MOGG, William. *O indivíduo soberano*. São Paulo: editora Axia, 2025.
- DI CESARE, Donatella. *Tecnofascismo. Entre la lógica del control y la política del miedo*. Buenos Aires: Paidós, 2026.

²⁴ Para uma análise detalhada dos conceitos de “soberania” e de “Estado-nação” ver os artigos de Castro, Olivieri e Lacerda 2025 a, b, c e d)

- GIRARD, René. *O sacrifício*. São Paulo: ed. É realizações, 2012.
- HOBBS, Thomas. *Leviatã*. São Paulo: editora Folha, 2021.
- HOBBS, Thomas. *De Cive. Elementos filosóficos a respeito do cidadão*. RF: editora Vozes, 2023.
- LAND, Nick. *La ilustración oscura. Y otros ensayos sobre la Neoreaccion*. Madrid: editorial matéria oscura, 2022.
- MIRANDA, Arnaud, *La ilustración oscura*. Madrid: editorial Taurus, 2026.
- OLIVIERI, Alejandro, CASTRO, Gustavo. Revoltas populares: entre a pandemia e o racismo. *Revista Processus de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social*. Ano II, Vol. 2, n 3 (jan./jun.) 2020.
- OLIVIERI, Alejandro, CASTRO, Gustavo. A ascensão da Extrema Direita: uma crise civilizatória? *Revista Processus de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social*. Ano 7, Vol. VII, n 14 (jan./dez.) 2025.
- OLIVIERI, Alejandro, CASTRO, Gustavo, LACERDA, Lourivânia, & PALMA, Rodrigo. O porquê de se filosofar em tempos de pandemia. *Revista Processus de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social*. Ano II, Vol. 2, n 4 (jun.-dez.) 2020b.
- OLIVIERI, Alejandro e CASTRO, Gustavo, LACERDA, Lourivânia & BOFF, Sirlei. O capitalismo da vigilância no mundo pós-pandêmico e o direito à privacidade. *Revista Processus de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social*. Ano III, Vol. III, n 6 (jul.-dez) 2021.
- SCHMITT, Carl. *Teologia Política*. São Luiz de Maranhão: ed. Resistência Cultural, 2024.
- THIEL, Peter. *De Zero a UM: o que aprender sobre o empreendedorismo com o Vale do Silício*. RJ: ed. Objetiva, 2014.
- VANCE, J.D. *Era uma vez um sonho*. São Paulo: editora LeYa, 2017.
- VAROUFAKIS, Yanis. *Tecnofeudalismo. O que matou o capitalismo*. Lisboa, ed. Crítica, 2025.